



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## O LUGAR DA MEMÓRIA EM A *VARANDA DO FRANGIPANI*, DE MIA COUTO: A INSÓLITA VARANDA, ENTRE TRADIÇÃO E MODERNIDADE

Luciana Morais da Silva

UERJ / UFRJ

lulu\_msilva@yahoo.com.br

Frente às ‘catástrofes’ da modernização, das novas tecnologias e das cidades anônimas, o campo e suas tradições representarão a última esperança de ‘redenção’. (CANCLINI, 2008, p. 161)

O escritor moçambicano Mia Couto desponta na contemporaneidade com uma narrativa marcada pela busca da memória, apontando, em *A varanda do frangipani*, para a corrupção dos sentidos advinda do mal-estar gerado por uma modernidade que acaba golpeando “o antigamente” (COUTO, 2007, p. 98), a tradição. O autor pontua, assim, a discussão a respeito do próprio ser moçambicano, focalizando personagens idosas, que sobrevivem na fortaleza colonial transformada em asilo.

Entretanto, o asilo, espaço reaproveitado depois das guerras coloniais, não é sentido como um lar, uma moradia, pois os asilados viviam disputando seu espaço com os resquícios da guerra. Vasto Excelência, diretor do asilo, usava o espaço como paiol, conforme é revelado na narrativa:

E a feiticeira, mais respirável, foi desvendando os sucessivos véus do misterioso assassinato do diretor. (...) Excelência escondia armas, sobras de guerra. Eram guardadas na capela. Só o Salufo Tuco tinha acesso a esse armazém. A fortaleza se transformara num paiol. Os velhos, no princípio, não sabiam. Apenas Salufo tinha esse conhecimento. (COUTO, 2007, p. 135-136)

Percebe-se que os idosos, a princípio, desconheciam as causas de seu infortúnio, sem confrontar Excelência, apenas sobrevivendo na tentativa de manter suas vidas e, também, suas crenças, como ocorre com Nãozinha, personagem humilhada “a ponto de animal” (COUTO, 2007, p. 90) por Vasto. A velha feiticeira Nãozinha, bem como as demais personagens, acredita ter dado fim à cólera e ao desprezo do diretor do asilo, ocasionando sua morte. Contudo, no decorrer da narrativa, a própria feiticeira revela o mistério da morte de Vasto, uma insólita morte devido a uma sólita causa.



De acordo com a personagem Ernestina, mulher de Vasto, “Vasto morreu em mistério. Nem sequer teve enterro. Melhor assim: pouparam-me a hipocrisia do funeral. Não é a primeira vez que cruzo caminhos com a morte” (COUTO, 2007, p. 101). A afirmação da esposa de Excelêncio indica a complexa reflexão a respeito do crime que acometeu seu marido, pois as personagens acabam por conhecer a causa do assassinato, mas só a revelam no momento oportuno, sem transparecer nenhuma angústia pelo ocorrido.

A morte do diretor do asilo evoca uma faceta do mundo externo, que aterroriza algumas personagens, já que o homem tem sua vida ceifada pelo “negócio de armas” (COUTO, 2007, p. 136), por “dar de ombros” (LINS, 2006, p. 7) para o mundo do asilo. Ronaldo Lima Lins, em *A indiferença pós-moderna*, assevera que o homem

voltado para um “eu” que só se dobraria ao peso da angústia, não possuiria disposição para mergulhar nas dificuldades alheias, por mais agudas que se mostrassem. A tal ponto permaneceria anestesiado que não perceberia aquilo que o ameaça em família, na pracinha ou no meio da multidão, partindo de um conhecido ou de um estranho. Estaria incapaz de amor, de solidariedade, de paixão. Distrair-se-ia com as providências que os deveres impõem, sem esforços sobressalentes. (LINS, 2006, p. 8)

O diretor do asilo, homem violento e vendedor de armas, após desprezar os traços de sua origem, sendo incapaz de compaixão, ou cuidados, acaba amaldiçoado, como se observa no relato de Nãozinha:

Naquele pequeno quarto eu fiquei parado vendo pingar meus seios. Nunca mais voltaria a amamentar meus netos, fossem eles de verdade ou de carne. De onde saiu sangue não pode escorrer leite. O mulato fosse maldiçoado com todas as mortes. Agora, eu digo: Vasto Excelêncio foi destinado nesse momento. Eu é que lhe encomendei, o homem subitou-se por minha autoria. O mesmo sangue que escorria no peito havia ele de perder do seu corpo. (COUTO, 2007, p. 86)

Nota-se, nesse trecho, o convite ao insólito para explicar a morte, o crime que movimentou a narrativa, trazendo para o asilo o inspetor Izidine Naíta, incumbido de resgatar as lembranças para encontrar o assassino. A morte conflituosa e incomum de Vasto, que oscila entre relatos verdadeiros e falsos, acarreta a chegada de um “estrangeiro”, que acaba com seu corpo “invadido” por um espírito.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Izidine Naíta, o aparente forasteiro, é um retornado, ou seja, moçambicano que viveu anos distante de seu país, e principalmente do campo, ou seja, do espaço culturalmente mais tradicional. Essa personagem apresenta uma convivência entre a tradição e a modernidade, já que precisa dos fundamentos exteriores para compreender o crime, todavia, sem as bases da tradição não poderia “abrir clareira no labirinto” (COUTO, 2007, p. 71), ou nos labirintos provenientes da memória.

Mia Couto traz à cena “esperança de ‘redenção’”, supostamente advinda do campo e de suas tradições para, assim, tecer uma narrativa situada na “varanda” do frangipani, espaço físico distanciado das cidades. A varanda seria, desse modo, parte segregada, distanciado das cidades modernas, ocasionando um confronto entre a tradição “morrente”, presa na fortaleza colonial, e, as cidades modernas, que se consomem com suas próprias “doenças”. A morada do frangipani, árvore mítica, é a varanda que possibilita aos moradores ver a saída, porém impossível, visto que insularizada pelo mar de um lado, e por minas terrestres do outro, os asilados tornam-se prisioneiros do que deveria ser seu lar.

Presos na insólita varanda, os idosos acabam divididos entre a tradição, respeitadora da “origem dos antigamentes” (COUTO, 2007, p. 67), e a modernidade, revelada, por exemplo, pelo olhar de Marta Gimo a respeito do mundo que “vive do crime, se alimenta da imoralidade” (COUTO, 2007, p. 122). A tradição, assim como a modernidade, são partes dessa varanda, das personagens de mundos que se perpassam, com homens e mulheres, que temem a invasão das modernidades, desse mundo externo, na paz de sua fortaleza, ou na aparente paz.

Os idosos são todos culpados e, ainda, inocentes, visto que confessam sua insólita participação no crime, por meio de justificativas e armadilhas, entretanto, dentre tantos culpados, observa-se que apenas a ganância operou para gerar a morte de Vasto. As armas, bem como a história das personagens, são parte da construção do narrador miacoutiano, que mistura “tempos, que fogem à homogeneidade do percurso da história legitimada, fazendo aflorar o sofrimento e as catástrofes do passado e do presente, escovando a história a contrapelo da ficção” (Benjamin, apud FONSECA e CURY, 2008, p. 58).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Sendo assim, nota-se a intervenção do mundo externo no interior do asilo, com homens e mulheres lutando para manter seu mundo livre das mazelas do mundo exterior, moderno, mas, segundo as personagens, “doente”. A tradição existente no interior do asilo, as histórias contadas pelas personagens, enfim, a realidade existente dentro da fortaleza remete à própria sobrevivência dos moradores, que convivem com suas memórias, contando-as para possibilitar ao “retornado” reencontrar suas origens. Segundo Jacques Le Goff, em *História e Memória*,

a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 2003, p. 419)

Percebe-se, assim, que a memória seria suplementar para a obtenção de resultados da investigação, já que é o homem “comum”, idoso, detentor do conhecimento sobre a motivação e culpado de um crime. As vidas são reveladas gradativamente em conjunto com as marcas do crime; porém, a evocação das lembranças fornece um mergulho na própria formação do homem, discutindo crenças e também a composição de memórias individuais que constituem a coletividade.

Os labirintos percorridos por Izidine Naíta para desvendar o crime são um percurso importante em seu retorno às tradições. O investigador une seu conhecimento do mundo moderno à tradição presente no asilo para desvendar o assassinato que o levou até ali. Octavio Paz, em *Os filhos do barro*, assevera a fugacidade da chamada modernidade, que

é uma tradição polêmica e que desaloja a tradição imperante, qualquer que seja esta; porém desaloja-a para, um instante após, ceder lugar a outra tradição, que, por sua vez, é outra manifestação momentânea da atualidade. A modernidade nunca é ela mesma: é sempre *outra*. (PAZ, 1984, p. 18)

A literatura contemporânea formou-se a partir de rupturas. Tensão que impôs ao artista romper por tradição, perpetuando a busca pelo alinhamento perfeito entre o que se quer revelar e o poder contido nas linhas de sua ficção, pois a “modernidade é sempre outra: nunca é ela mesma”. A tradição seria, portanto, o olhar do homem para traços genuínos de seu passado, mas não qualquer retomada. Para Paz, a tradição faria parte do ser moderno. No entanto, a focalização de Mia Couto em marcas culturais presentes no discurso e nas atitudes dos idosos, não representaria uma união comum entre o



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

tradicional e o moderno, e sim, uma composição plural, em que os mais velhos guardariam “saberes” únicos, desconhecidos, apenas notados pelos demais, haja vista a afirmação de Marta Gimo ao confrontar Izidine:

- Olhe para estes velhos, inspector. Eles todos estão morrendo.
  - Faz parte do destino de qualquer um de nós.
  - Mas não assim, o senhor entende? Estes velhos não são apenas pessoas.
  - São o quê, então?
  - São guardiões de um mundo. É todo esse mundo que está sendo morto.
  - Desculpe, mas isso, para mim, é filosofia. Eu sou um simples polícia.
  - O verdadeiro crime que está a ser cometido aqui é que estão a matar o antigamente...
  - Continuo sem entender.
  - Estão a matar as últimas raízes que poderão impedir que fiquemos como o senhor...
  - Como eu?
  - Sim, senhor inspector. Gente sem história, gente que existe por imitação.
- (COUTO, 2007, p. 57, grifos nossos)

Observa-se que Marta, ao tratar do “antigamente”, indica respeito aos “guardiões de um mundo”, convocando Izidine a buscar o conhecimento sobre os mistérios do mundo guardado pelos idosos, ainda não corrompidos, ou modificados, pelo mundo externo; contudo, Marta revolta-se nitidamente diante do desconhecimento de Naíta e de sua falta de crença na força dos asilados. O inspetor não consegue perceber, nas palavras de Marta, a necessidade de proteção dos asilados, pois para ela o mais importante não era desvendar o crime, mas proteger o passado, para que no presente o homem tenha história, “raízes” para onde voltar.

Mia Couto constrói um espaço de convivência, trazendo o passado ao presente, usando a memória do povo como meio para suprimir o “esquecimento” da nação de seu passado, porque, segundo o autor, é necessário que os membros de um país em formação tenham consciência dos fantasmas de sua história para que esses não os venham assombrar (Cf. COUTO *apud* SECCO, 2000). A narrativa miacoutiana não remete apenas à recuperação da memória esquecida, ao contrário, lança mão desse artifício para mergulhar em uma identidade outrora perdida, ou seja, abre espaço para relatos memorialísticos com o intuito de possibilitar que se olhe sobre o hoje, mas consciente do passado, da herança cultural de um povo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

A união da oralidade com a palavra escrita aparece representada em alguns momentos da narrativa, como em “eu sei, estou enchendo de saliva sua escrita. Mas, no fim, o senhor vai entender isto que estou para aqui garganteando.” (COUTO, 2007, p. 27, grifo nosso). A imagem suscitada indica a narração por meio da oralidade, que se instrumentaliza da “contação” de histórias como um artifício para que se desvendem os mistérios. Revela-se, assim, um elemento basilar que é a transmissão de narrativas pela oralidade, fazendo “repensar as culturas, os choques entre a modernidade e a tradição, entre o legado oral e a escrita” (LEITE, 1998, p. 70).

Mia Couto, iluminando as discussões a respeito da oralidade e da escrita do povo que sofre as dores de seu passado, faz avultar esse sofrimento por meio da memória e dos relatos das personagens. Segundo Deleuze, “são as lembranças da memória, que ligam os instantes uns aos outros e intercalam o passado no presente” (1999, p. 17). Essa intercalação de lembranças se dá através da memória, compondo as instâncias das narrativas, traduzindo um saber que advém de conhecimentos aprendidos no enraizamento da fundamentação da cultura popular, entrelaçando, assim, tradição a modernidade.

Desta forma, o autor moçambicano reedita sentidos à Língua Portuguesa, tramando um texto que amalgama a oralidade à escrita, situando-o entre dois mundos, o da Língua do dominador com a cultura do dominado, e criando, assim, uma narrativa combativa, visto que “o compromisso maior do escritor é com a verdade e com a liberdade. Para combater pela verdade o escritor usa uma inverdade: a literatura. Mas é uma mentira que não mente” (COUTO, 2005, p. 59). O escritor seria, então, combatente da palavra, alguém capaz de modificar as estruturas à sua volta por meio do que escreve. Astrid Sayegh, discutindo as lembranças como experiências do contato com o “eu”, declara que:

partimos das sensações, e nos refletimos imediatamente sobre nós mesmos, sobre nosso capital pessoal de lembranças e experiências acumuladas, as quais nos conduzem novamente ao objeto, porém um objeto tornado inteligível, expressivo e significativo, em seguida a este contato regenerador com o eu. (SAYEGH, 1998, p. 112)

A construção de personagens que entram em contato com elas mesmas, por meio de lembranças, caracteriza uma narrativa elaborada para dar voz aos oprimidos,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

garantindo a perspectiva dos menos favorecidos. O narrador, também voz desfavorecida, já que morreu sem ter quem chorasse por ele, é levado a incorporar em Izidine, convivendo com ele no decorrer da semana de investigação. Porém, a transformação de Ermelindo Mucanga em “Xipoco”, fantasma, para “estrear no mundo dos viventes”, põe em cheque o rebuscar da memória dos idosos, uma vez que há o envolvimento do mítico no mundo comum.

O inquérito, a investigação é perpassada pelo mundo do “halakavuma” — mamífero mítico que mora com os falecidos e vem dos céus pelas águas da chuva para trazer ao mundo novidades, também “animal de estimação” do narrador fantasma (Cf. COUTO, 2007, p. 13) — e, ainda, pela busca da verdade sobre o crime que motiva a ida de Izidine Naíta àquele local. A recolha dos relatos motiva, portanto, a fala dos dominados, traçando cenas quotidianas da vida do homem comum. Segundo Fonseca e Cury, em *Mia Couto: espaços ficcionias*, o discurso desse homem simples é revelado pela ficção, que se preocupa em garantir o espaço dos oprimidos, para elas

o discurso da história, pois, ficcionalizado, faz emergir os discursos de memórias que foram silenciadas, que permanecem sem registro factual, mas que recebiam vida e brilho no espaço da ficção. (...)

Essas memórias coletivas, reitere-se, silenciadas, adquirem corpo e voz. Não num movimento linear que poderia ter sido promovido por um narrador autoritário que quer “falar pelo outro”. Antes, inscrevem-se tais memórias do corpo e da voz do dominado. (FONSECA e CURY, 2008, p. 41)

A faceta da libertação coloca-se na construção textual de Mia Couto, visto que as vozes abafadas do dominado têm lugar combativo ao serem evocadas. Desse modo, permitindo que o oprimido tenha espaço para narrar suas vivências, por meio da ficção, o autor estabelece com o leitor um espaço crítico, no qual se reflita sobre as mazelas do povo e o poder de transcendência do mesmo.

A narrativa realça a memória, possibilitando ao homem unir planos diversificados, agrupando-os sobre uma faceta de crença e superação. Cada personagem traz consigo um relato que invoca lembranças do passado percebido no agora por meio de sensações destacadas pelos questionamentos trazidos por Izidine. Segundo Bergson,

as imagens passadas, reproduzidas tais e quais com todos os seus detalhes, e inclusive com sua coloração afetiva, são as imagens do devaneio ou do sonho; o que chamamos agir é precisamente fazer com que essa memória se



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

contraia ou, antes, se aguçe cada vez mais, até apresentar apenas o fio de sua lâmina à experiência onde irá penetrar. (BERGSON, 2010, p. 121)

A memória teria, portanto, a função de preparar o corpo para a ação, evocando a lembrança necessária para enfrentar ou dialogar com um fato posto no instante da percepção de uma imagem. Essa memória seria, nesse sentido, aquela que habita a lembrança dos vivos do asilo, buscando no passado os conhecimentos basilares para a constituição do hoje.

A personagem de “autoridade” Izidine Naíta vai desvendando os “descaminhos” da fortaleza, traçando os pontos subtraídos das lembranças contadas pelos idosos sobre o crime, porém sua busca o guia até a descoberta de sua própria existência, discutindo os aprendizados pelos quais passaram os habitantes da fortaleza. Cada personagem com sua história cria uma relação com o investigador, ensinando-o a ver as circunstâncias de suas sobrevivências e os males pelos quais passaram e permitindo unir, portanto, traços da tradição e da modernidade. Tais personagens, lançando mão da memória de suas próprias vidas, almejam desnudar o mistério em torno de sua própria constituição, já que possibilitam a Izidine reencontrar a multiplicidade de sua cultura, por meio da revelação de suas experiências.

A narrativa miacoutiana compõe-se, assim, por uma “moderna tradição”, em que são indicadas as fronteiras entre dois mundos que se integram, mesmo que conflituosamente; afinal, “um homem não é uma margem que apenas existe de um ou outro lado. Um homem é uma ponte ligando as diversas margens” (COUTO, 2005, p. 91). Tal união de lados, ou ligação de margens, está presente, por exemplo, na personagem Izidine Naíta, homem que representa a lei, mas com ela se confronta devido às suas experiências com os asilados, pois busca a justiça, apreendendo, para isso, o saber embutido nas lembranças relatadas pelos velhos.

Mia Couto conjuga, desse modo, um saber moderno e tradicional, que demonstra “longas e irreversíveis misturas de culturas” (COUTO, 2005, p. 19), pois, para ele, “não há cultura humana que não se fundamente em profundas trocas de alma” (COUTO, 2005, p. 19). As trocas estão presentes nos relatos das personagens, marcadas por seu empenho em construir novas realidades a partir de suas memórias, ou seja, reformular suas vidas por meio de lembranças diante do crime. No entanto, Izidine termina não encontrando apenas novos relatos, mas pedaços perdidos de sua “alma



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

nativa”, isto é, do “eu” aparentemente perdido até seu encontro com o passado relatado pelos idosos.

O leitor é apresentado, dessa maneira, ao mundo insólito de Mia Couto, em que o homem é capaz de encontrar suas origens por meio de memórias labirínticas e, por vezes, fantasiosas, percebendo-se que não há limites, pois ora as histórias são parte do desvendamento de um crime, mas no momento seguinte despem-se de sua relação com o factual para serem desmentidas ou tornadas inverdades.

Nesse sentido, nota-se a complexidade dos relatos, os quais oscilam entre a verdade e a mentira, possibilitando a reflexão a respeito do confronto entre o sólito e o insólito, visto que não é comum um homem ter seu corpo habitado por um “xipoco”, porém, o narrador, sendo ele o próprio fantasma, naturaliza, ou torna sólito o insólito, ao ser a voz que relata o encadeamento narrativo.

A memória colhida a partir de cada novo testemunho configura-se como uma arte artesanal, pautada pela busca da verdade, contudo, qual é a verdade, diante da subjetividade de cada relato? A consequência é uma narrativa híbrida, que conjuga o saber mítico, proveniente do ente mágico, que possibilita ao narrador reviver, tornando a ter memória de seu passado. A tradição e a modernidade dividem espaço nessa varanda do frangipani e participam da composição de traços do maravilhoso dentro de uma fortaleza colonial.

O halakavuma, bem como a frangipaneira, apresentam uma ligação direta com o ontem, sendo percebidas como partes do “antigamente”, do mundo ancestral e mítico, principalmente, porque Ermelindo Mucanga, o fantasma, e, também, outros idosos descem “rumando pelas profundezas da frangipaneira” (COUTO, 2007, p. 143). Entretanto, isso ocorre com a percepção de um possível retorno, já que o halakavuma declara: “— (...) Este não é um caso de última vez...”; indicando, assim, que a personagem Navaia poderia ainda voltar àquela varanda, ao mundo, transcendendo a morte.

A morte, assim como a vida no asilo, mescla uma oscilação entre o sólito e o insólito, já que o presente e o passado se unem no mundo ancestral e mítico permitindo aos moradores de um asilo descer às profundezas, mas com a possibilidade de retorno. As raízes de um mundo “morrente”, conforme afirma Marta Gimo, unem-se à origem da



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

frangipaneira, árvore misteriosa, representante do mundo telúrico e insólito que convive com os asilados, os “contadores de memórias”.

Dessa forma, o autor compõe o presente preocupado em olhar para o passado, construindo uma ficção que se embasa em relatos advindos da memória, de cenas cotidianas, que permitem a retomada da tradição através da reflexão crítica sobre a modernidade. A varanda, ponto de observação do mundo externo ao asilo, possibilita olhar para a liberdade, porém consciente da dificuldade de se conviver com as diferenças entre o passado e o presente, ultrapassando esses limites, ou diferenças apenas nas sombras, ou nas profundezas do frangipani, no lugar dos sonhos.

Sendo assim, observa-se a constituição da memória como uma necessidade para discutir-se a própria relação do homem com o mundo que o cerca, sendo sobrevivente em uma realidade de guerra e relatos de sofrimento, todavia, amenizado pela transcendência proveniente da crença em um espaço de possibilidades, de renovada esperança.

Em suma, a memória auxilia a recuperação de traços da tradição “morrente”, mas que se sobrepõe ao seu estado de abandono a cada novo instante em que uma personagem recorre a memória para delinear a modernidade, por meio de uma “visita” ao passado. O olhar para o passado com o intuito de tornar o presente e, também, o futuro um espaço de reflexão apontam para a composição de uma narrativa de múltiplos sentidos.

#### Referências Bibliográficas

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

COUTO, Mia. *A varanda do frangipani*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Pensatempos – Textos de opinião*. Lisboa: Editorial Caminho, 2005.

DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

FONSECA, Maria Nazareth Soares et CURY, Maria Zilda Ferreira. *Mia Couto: espaços ficcionais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades e Escrituras: nas literaturas africanas*. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

LINS, Ronaldo Lima. *A indiferença pós-moderna*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

PAZ, Octavio. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SAYEGH, Astrid. *Bergson O Método Intuitivo: Uma abordagem positiva do espírito*. São Paulo: Humanitas publicações FFLCH/ USP, 1998.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. “Mia Couto: e a ‘Incurável Doença de Sonhar’”. In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo e SALGADO, Maria Teresa. (org.). *África & Brasil: letras em laços*. Rio de Janeiro: Ed. Atlântica, 2000.